

**Universidade do Estado do Amazonas-UEA  
Centro de Estudos Superiores de Parintins-CESP  
Licenciatura de Ciências Biológicas**

**EXTERNALIDADES DO PESCADO: Avaliação do pescado em relação a influência de atravessadores no preço e no impacto ambiental gerado pela sobre-exploração de espécies de peixes na região de Parintins/AM**

**PARINTINS – AM  
MAIO – 2022**

**ALEX AGUIAR PADILHA JÚNIOR**

**EXTERNALIDADES DO PESCADO: Avaliação do pescado em relação a influência de atravessadores no preço e no impacto ambiental gerado pela sobre-exploração de espécies de peixes na região de Parintins/AM**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas DO Centro De Estudos Superiores de Parintins, da Universidade do Estado do Amazonas como requisito obrigatório ao Trabalho de Conclusão de Curso e obtenção do grau de licenciado em Ciências Biológicas.

**ORIENTADOR: DR. FABIANO GAZZI TADDEI**

**PARINTINS – AM  
MAIO – 2022**

**ALEX AGUIAR PADILHA JÚNIOR**

**EXTERNALIDADES DO PESCADO: Avaliação do pescado em relação a influência de atravessadores no preço e no impacto ambiental gerado pela sobre-exploração de espécies de peixes na região de Parintins/AM**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas DO Centro De Estudos Superiores de Parintins, da Universidade do Estado do Amazonas como requisito obrigatório ao Trabalho de Conclusão de Curso e obtenção do grau de licenciado em Ciências Biológicas.

**ORIENTADOR: DR. FABIANO GAZZI TADDEI**

**Aprovado em 19 de Maio de 2022 pela Comissão Examinadora.**

**BANCA EXAMINADORA**



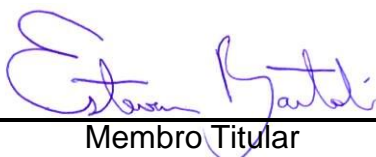
---

Presidente/Orientador



---

Membro Titular



---

Membro Titular

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente à Deus, que me deu oportunidades, força de vontade e coragem para superar todos os desafios.

Ao meu orientador Prof. Dr Fabiano que dedicou seu tempo, pela disponibilidade de orientação, compartilhou sua experiência, seu olhar crítico e construtivo ajudou a superar os desafios deste trabalho de conclusão de curso e que me fez continuar no curso de Biologia . Serei eternamente grato.

Aos meus Pais: Alex Aguiar Padilha e Cleonira Bezerra da Silva por sempre me apoiarem e me ajudarem em tudo que me prospus a fazer

A minha namorada Lidiane da Silva Santarém que desde o início da faculdade sempre esteve comigo sempre durante toda a Graduação

A todos os familiares e colegas que me ajuram e que passaram por essa caminhada que sem eles não teria conseguido.

“Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu. Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou; Tempo de matar, e tempo de curar; tempo de derrubar, e tempo de edificar; Tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de dançar; Tempo de espalhar pedras, e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar, e tempo de afastar-se de abraçar; Tempo de buscar, e tempo de perder; tempo de guardar, e tempo de lançar fora; Tempo de rasgar, e tempo de coser; tempo de estar calado, e tempo de falar; Tempo de amar, e tempo de odiar; tempo de guerra, e tempo de paz.” (ECLESIASTES 3: 1-8)

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal avaliar os impactos causados pela presença de atravessadores na exploração do comércio de pescado nas feiras de Parintins-AM e, estimar qual sua relação com o preço final do preço que chega aos consumidores. O estudo visa investigar as causas dessa exploração e seus malefícios e, ainda entender a relação entre a exploração e preço. Afim de alcançar os resultados desejados foram entrevistados pescadores, “atravessadores” e cooperativaistas. As entrevistas ocorreram por meio de questionários pré definidos e aplicado para todos os setores. Percebeu-se durante o estudo uma rejeição de responder determinadas perguntas, por vezes os pescadores sentiam-se mais a vontade em responder perguntas mais diretas e que não envolviam negociações. Nesse trabalho podemos identificar na fala dos colaboradores um grande índice de exploração dos rios e lagos uma vez que existe uma competitividade nessa categoria em que, não so apenas pescadores ribeirinhos chegam para a praticar a pesca, mas também as empresas de pesca. As análises comprovaram externalidades na cadeia produtiva de pesca em Parintins/AM.

**Palavras-chave:** Externalidades; Sobre-exploração; Pesca.

## **ABSTRACT**

The aim of this present is evaluate the impacts caused by the presence of middlemen in the exploitation of the fish trade in the fairs of Parintins-AM and its relation with the final price that reaches the consumers, investigate the causes of the large exploitation, and to understand the relationship between exploitation and price. The investigation was carried out through interviews with fishermen, middlemen and cooperative members in order to achieve the desired results. The interviews were carried out through a questionnaire already defined and applied to all sectors, we emphasize that it is not always possible to ask the idealized questions since the marketers felt more comfortable answering more direct questions than those idealized and posed in the questionnaire. In this work we can identify in the speech of the collaborators a great index of exploration of rivers and lakes since there is a competitiveness in this category in which not only riverine fishermen arrive to practice fishing but also the fishing companies. The analyzes testify negative externalities in the fishing production-chain in Parintins/AM.

**Keywords:** Negative-Externalities; Exploitation; Fishing

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>1. REVISÃO TEÓRICA</b> .....	9
<b>1.2 PESCA NA AMAZÔNIA</b> .....	9
<b>1.3 DESCRIÇÃO DOS PRINCIPAIS PEIXES UTILIZADOS EM PARINTINS</b>	11
<b>2. OBJETIVO</b> .....	13
<b>2.1 Objetivo Geral</b> .....	13
<b>2.2 Objetivos Específicos</b> .....	13
<b>3. MATÉRIAS E MÉTODOS</b> .....	13
<b>3.1 ÁREA DE ESTUDO</b> .....	13
<b>3.1.1 Local de Pesquisa</b> .....	13
<b>3.2 TIPO DE PESQUISA</b> .....	13
<b>3.3 COLETA DE DADOS</b> .....	13
<b>4. RESULTADOS DE DISCUSSÃO</b> .....	14
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	22
<b>REFERENCIAS</b> .....	23
<b>APÊNDICE:</b> .....	25
<b>APÊNDICE 1</b> .....	25
<b>APÊNDICE 2</b> .....	28
<b>APÊNDICE 3</b> .....	30
<b>APÊNDICE 4</b> .....	31
<b>APÊNDICE 5</b> .....	32
<b>APÊNDICE 6</b> .....	36



## INTRODUÇÃO

Um quarto da produção pesqueira comercializada no Brasil é da região amazônica. A indústria pesqueira da Amazônia processa uma grande quantidade de pescado. São aproximadamente 20 grandes frigoríficos e diversos portos de desembarque, (PROVARZEA, 2005).

Na região amazônica é comum a venda de pescado em feiras abertas que, por sua vez, contam com uma grande variedade de pescado. A procedência desse pescado é de pescadores que ainda dependem de terceiros para vender seus produtos. Esses “terceiros” são conhecidos como atravessadores. Estes são responsáveis por levar o pescado até as feiras ou até os lugares de venda, para que tudo isso aconteça, valores monetários consideráveis são somados ao valor do pescado. Esses altos valores não retornam ao pescador e assim faz com que seja necessária a maior exploração do pescado nos lagos e rios, podendo intervir na população de certas espécies de pescado, na armazenagem e qualidade do mesmo até o seu destino final, que seria o consumidor desse produto.

O consumo de espécies nativas da região, e nas áreas circunvizinhas somam uma quantidade significativa de pescado, que podem ser consideradas como consumo até mesmo de forma cultural, assim como, de forma econômica e nutricional para a população local, que aprenderam, por várias gerações, a se alimentar de espécies como o surubim, pescada, o dourado, o pacu, o pirarucu e o curimatã. Com o esforço excessivo na pesca destas espécies, suas populações tem diminuído ano após ano. No entanto a demanda de consumo pela população está aumentando continuamente.

No estudo realizado, verificamos o processo de distribuição do pescado realizado na cidade de Parintins-AM, onde esse apresenta duas realidades distintas uma vez que parte do pescado produzido vai para o comércio de pesca e, a outra, segue em direção aos atravessadores que, por sua vez, abastecem o mercado local.

Essa dinâmica de distribuição é uma realidade crescente em inúmeras cidades e, muitas vezes, aquece o comércio local e influencia no preço final do consumidor, uma vez que a atividade de pesca é algo sazonal e, claramente, não pode se manter o ano inteiro por motivos legais de preservação de algumas espécies.

## 1. REVISÃO TEÓRICA

### 1.2 PESCA NA AMAZÔNIA

Na Amazônia, os aspectos ecológicos e geográficos da região contribuem para a alta atividade da pesca, seja ela esportiva quanto para o sustento das famílias que dependem dessa prática. A pesca na região se desenvolveu a partir da combinação das culturas indígenas locais e europeia.

A atividade da pesca sofreu dois grandes impactos: um, na década de 1930, com a rede de cerco e outro na década de 1960, com os fios de náilon, mais resistentes e baratos, para a confecção das malhadeiras, sendo esses, até hoje, os principais métodos de captura de peixes na região, (SANTOS & SANTOS, 2015)

A pesca tem destacado papel socioeconômico, pois ela atua na produção de alimentos gerando emprego e renda, tanto na zona rural quanto urbana. É por meio dela que se explora o pescado para consumo e para o comércio

Na Amazônia a pesca constitui fonte de alimento, comércio, renda e lazer para grande parte da população, movimenta cerca de 400 milhões de reais ao ano e envolve aproximadamente 368 mil pescadores (ALMEIDA et al., 2004; SANTOS; SANTOS, 2005).

Para Barthem e Fabré (2005, p.31) A várzea é de fundamental importância para a pesca na Amazônia por apresentar áreas, periodicamente, alagadas pelo seu ciclo sazonal dos rios de água branca, ricos em sedimentos.

Os estudos de Junk (1989) e Ayres (2006), afirma que o solo dessas áreas, submersos durante quase a metade do ano, possuem alto teor de nutrientes que são constantemente renovados, sendo grande a diversidade de espécies de vegetação, com alta biomassa

Em contrapartida há os momentos precários com o período da seca, as áreas de vazante se tornam um grande risco as espécies encontradas na região porque o oxigênio diminui nas águas do lago, a pesca predatória e a introdução da pecuária.

Os autores Santos & Santos (2015) corroboram que esta última atividade devasta o lago com o consumo de capim, pelos gados e pelos búfalos em suas margens. E Santos (1979) complementa que essas áreas alagadas acabam formando um ambiente inóspito e hipoxêmico, devido à intensa decomposição da matéria orgânica que consome o oxigênio dissolvido na água e libera o gás sulfídrico.

Assim, o período de seca é dramático para a maioria das espécies, pois o ambiente aquático está bastante reduzido, oferecendo pouco alimento e abrigo

Compreender as adaptações das espécies pesqueiras é uma questão imprescindível para o entendimento da abundância e da composição dos recursos pesqueiros na região (BARTHEM; FABRÉ, 2005). A partir disto que devido a riqueza de peixes explorados e pela quantidade do pescado que é capturado e ainda pela dependência da população tradicional a esta atividade (BARTHEM e FABRÉ, 2005).

A pesca passou ao longo dos anos por processos de transformação e intensificação, por meio de projetos e exploração dos lagos e rios onde visavam transformar o sistema tradicional das populações ribeirinhas em um sistema de alta produtividade e de caráter nacional (RUFFINO, 2005).

A Amazônia possui uma diversidade ambiental devido os diferentes tipos de água, como as águas pretas do rio Negro, as águas brancas do rio Amazonas e as claras do rio Tapajós e uma diversidade de peixes, mas que ainda necessita de políticas públicas em sua comercialização.

## **1.2 CADEIA DE PRODUÇÃO DE PESCADO**

Uma cadeia produtiva possui, entre os seus componentes mais comuns, o mercado consumidor, a rede de atacadistas e varejistas, a indústria de processamento e/ou transformação do produto, o setor produtivo, com seus diversos sistemas de componentes estão relacionados a um ambiente institucional (leis, normas, instituições normativas), (CASTRO et. al. 1995).

O conceito de cadeia produtiva na visão de Castro et al. (2002) foi desenvolvido como instrumento de visão sistêmica. Parte da premissa que a produção de bens pode ser representada como um sistema, onde os diversos atores estão interconectados por fluxos de materiais, de capital e de informação, objetivando suprir o mercado consumidor final com os produtos do sistema.

As cadeias de suprimentos do pescado principalmente as regionais, estão em constante processo de evolução acompanhadas pelas mudanças no mercado e como característica principal, possuem produtos com um pequeno prazo de validade, exigindo assim uma cadeia ágil que lide de maneira eficiente com longos processos e desperdícios simples, (GARCIA, et al., 2018). O que não acontece em muitas realidades de pequenas cidades.

Apesar do setor pesqueiro no país apresentar clara expansão, o consumo de pescado per capita não acompanha esse crescimento na mesma proporção (BOMBARDELLI, 2008).

No Amazonas, o setor de pescados da região possui tanto um valor econômico significativo, por gerar uma série de empregos, desde o início na pesca até o consumo final em restaurantes, e também por representar parte da história local, com impactos significativos na tradição da cidade.

Scavarda et al. (2015) apresenta o conceito de resiliência de uma cadeia de suprimentos como uma maneira de lidar com eventos inesperados de maneira proativa, com uma exploração integrada de todas as variáveis e que gere potenciais soluções de maneira estruturada.

Leite & Pessoa (1996), relataram quatro níveis no estudo da cadeia produtiva: 1) o macroambiente, considerado como ambiente no qual se estabelecem as trocas relevantes relacionadas com a disputa de mercado interno e/ou externo à região geográfica delimitada para a cadeia produtiva; 2) o ambiente interno, formado pelos aspectos normativos e legais (ambiente institucional) e pelas organizações representativas (ambiente organizacional) que regulam e são reguladas pelas atividades econômicas inseridas num dado espaço geográfico; 3) os segmentos, que são os fornecedores, produtores de matéria-prima, indústria de transformação, distribuição (atacadista e varejista) e consumidores formais; e 4) os perfis, que reúnem um conjunto de empresas e/ou agentes econômicos que podem ser agrupados pelas suas características comuns.

### **1.3 DESCRIÇÃO DOS PRINCIPAIS PEIXES UTILIZADOS EM PARINTINS**

O estado do Amazonas é o maior mercado consumidor per capita de pescado no Brasil, cerca de 100 espécies são capturadas para consumo dos ribeirinhos e para comercialização. A pesca extrativa no estado possui períodos de safra e entressafra, na época da seca dos rios, aumenta a quantidade de peixes, provocando o aumento da oferta e da redução do preço do produto, (BARBOSA, et all., 2018)

O período da cheia ocorre quando o nível da água atinge o seu máximo, caracteriza-se pela oscilação do nível e pelo domínio do ambiente aquático na planície de inundação. Como o local, torna-se extenso a pesca se torna também escassa. Os autores Santos & Santos (2015) discorrem que essa escassez dura de janeiro a maio

de cada ano, sendo o período mais longo. O período de escassez de pescado mais curto é de julho e agosto, quando já inicia a descida das águas. Na vazante, os peixes começam a se agrupar, pois o ambiente aquático passa a se contrair.

Alguns peixes mais consumidos no levantamento feito na região, é citado por Santos & Santos (2015):

O bodó (*Liposarcus pardalis*) - que é um tipo de peixe que dá o ano todo (...). O jaraqui (*Semaprochilodus insignis*) - é um peixe procurado constantemente, podemos dizer que é o peixe de todos os dias (...). O tambaqui (*Colossoma macropomum*) -, é um tipo de peixe bem vendável, consumido por todas as classes econômicas, apesar da fartura de tambaqui devido a oferta dos criadouros em viveiros, o preço de venda é alto (...) A sardinha (*Triportheus elongatus*) é um peixe pequeno rico em vitaminas e proteínas (...) O tucunaré (*Cichla monoculus*) – Esses tipos de peixes são os mais comuns encontrados na região da cidade de Parintins e comercializados na Feira do Bagaço (...).

Essas espécies citadas acima são comercializadas o ano todo, com exceção ao jaraqui. Há um certo período do ano com bastante abundância e outro período esses pescados são oferecidos com menos quantidade.

Esses períodos são chamados de: safra e entressafra Os períodos de safra é onde se torna possível a grande oferta de pescado como o jaraqui, nesse período o produto oferecido fica bem mais barato, a piracema colabora nesta temporada no qual poderá oferecer para a população pescado com bastante abundância tais como: o pacu, curimatã, aracu, sardinha, branquinha e entre outros.

A entressafra compreende o período no qual se tem o mínimo de pescado a oferecer à população e o produto se torna cada vez mais caro, que atinge um ponto de que o produto que é a base da alimentação da população não poder ser consumido por todos, principalmente o tambaqui que varia de preço, dependendo do seu tamanho e o tucunaré que aparecem em pequena quantidade.

A pesquisa de Guimarães (2015) relata que aumento do preço ocorre também pelo fato de o município estar em festa no mês de junho. Desta forma o festival também influencia no preço dos produtos, a grande procura por visitantes e o pouco que se oferecer aumenta o preço destes produtos.

Apesar de a safra compreender grande período na região e proporcionar alimentos de baixo custo a população, ela causa impactos na região. Com a grande quantidade de pescado que temos a oferecer uma pequena quantidade que não conseguimos comercializar infelizmente vai para o lixo, isso acontece pelo motivo de

que temos tanto peixe a oferecer que o município não consome todo pescado oferecido, (SANTOS & SANTOS, 2015).

## **2. OBJETIVO**

### **2.1 Objetivo Geral**

Avaliar a influencia da presença de atravessadores na exploração do pescado em relação ao preço nas feiras.

### **2.2 Objetivos Específicos**

- a) Investigar a relação entre o pescador e atravessador e a influência no preço final;
- b) Inferir sobre o possível impacto da sobre-exploração nos estoques populacionais das espécies mais atingidas;

## **3. MATÉRIAS E MÉTODOS**

### **3.1 ÁREA DE ESTUDO**

#### **3.1.1 Local de Pesquisa**

O presente estudo foi realizado na cidade de Parintins-AM, que possui 5.956,047 km<sup>2</sup> e está localizada no baixo Amazonas e, conta um com uma população aproximada de 115.465 habitantes segundo o IBGE (2017). O levantamento de dados através de entrevistas, foram feitas nas feiras do município.

### **3.2 TIPO DE PESQUISA**

A pesquisa pode ser qualificada como quali-quantitativa, a qual segundo Creswell (2007), o pesquisador faz a convergência de ambos os métodos a fim de obter uma análise ampla do problema pesquisado, a coleta dos dados é sincrônica e, posteriormente, as informações são integradas para a obtenção dos objetivos propostos.

### **3.3 COLETA DE DADOS**

A investigação dividiu-se em duas partes: coleta de dados por meio de entrevistas e visitas a feiras da cidade. O tratamento dos dados ocorreu por categorização e análise das espécies presentes nas entrevistas e nas feiras. A coleta

de dados baseou-se em um levantamento de dados primários e secundários. A coleta de dados primários foi realizada nos empreendimentos, feiras localizadas próximas a ponte Eduardo Braga, feira do bagaço na francesa e através de entrevistas aos pescadores. O período em que foi desenvolvida essa metodologia foi março a outubro/2021, escolhido por estar fora período de defeso na região.

Foi realizada uma busca ativa por pescadores responsáveis pelo abastecimento das feiras de Parintins/Am e visando identificar sua relação com os atravessadores, ainda catalogando as espécies de maior procura e comércio nas feiras, relacionando seu consumo, preço e qualidade do produto até o consumidor final.

Ao identificar os pescadores principais pelo abastecimento das feiras, foi realizada uma entrevista que relacionou os papéis dos abastecedores com os atravessadores e, as dificuldades encontradas no abastecimento e as alternativas encontradas para o período de defeso das espécies mais comercializadas. E por meio do questionário, identificar as espécies de maior exploração.

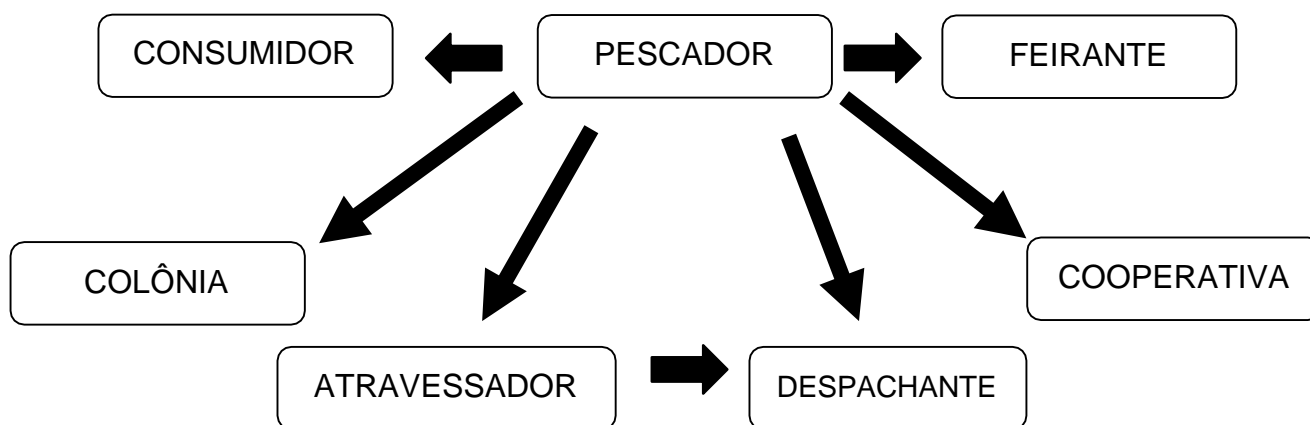
A coleta de dados secundários desenvolveu-se a partir da observação de relatórios de custos, despesas e receitas fornecidos pelos entrevistados. A entrevistas transcritas encontram-se em apêndice.

#### **4. RESULTADOS DE DISCUSSÃO**

A presente pesquisa busca evidenciar a influência da presença de atravessadores na pesca que poderá resultar na sobre-exploração predatória de estoques de peixes, possivelmente, causando a redução dos indivíduos de cada espécie coletado, como os pescadores passam tanto seu produto ao comércio como para os atravessadores, ele poderia estar pescando mais peixes do que o normal.

Nos resultados evidenciaram um alto índice de consumo e de presença de atravessadores, ocasionando um necessário aumento na pesca das espécies mais consumidas já que grande parte dos pescadores fazem uso de atravessadores reduzindo seus ganhos e os obrigando a cada vez mais buscar por mais espécies do pescado e assim gerando grande impacto nas espécies predadas.

O fluxograma da figura 1, a seguir apresenta a forma de como ocorre essa distribuição do pescado:



**Figura 1:** Distribuição do pescado em Parintins/Am

O pescador realiza a comercialização para atravessador, eles são os que compram diretamente no lago e repassa para o despachante, assim como o despachante recebe do pescador. O despachante fica na cidade, em flutuantes ou em suas residências para realizar a compra.

Ao buscar colaboradores da pesquisa percebemos um número relativamente pequenos de colaboradores, uma vez que muitos não se colocaram mais a disposição de realizar a entrevista.

As entrevistas aconteceram de acordo com perguntas pré-definidas que se apresenta no APÊNDICE 1, nas quais, por meio das mesmas podemos ver como o pescado é processado desde a sua captura até a chegada do consumidor final. O mesmo questionário foi aplicado para os pescadores, feirantes e funcionários das cooperativas.

Como pergunta inicial identificamos os locais de onde vêm esses peixes que chegam para as feiras e mercados. As respostas dos entrevistados citavam que, em sua maior parte, as mesmas áreas aqui destacamos a resposta do pescador número 2, as respostas de seu questionário estão no APÊNDICE 2:

*“Por região, o complexo do mauricanã e tem também o lago do boto, região da brasileira de onde tu vens que trazem esses peixes, região da macaca, Paraná da macaca, região do cumprido, Paraná de Parintins e nessa região do Limão, Paraná do Limão são tudo região próximos daqui” (PESCADOR 2)*

Todas as áreas citadas fazem parte das proximidades da cidade de Parintins/AM. Toda essa estratégia de pesca, muitas vezes, depende do período de defeso de algumas espécies, além da sazonalidade, devido as dinâmicas dos rios, quando os lagos podem ser acessados com maior facilidade.



Lima-Ayres (1999), afirmam que por meio de acordos, os ribeirinhos da época definirão, em reuniões, quais locais e quais os conjuntos de regras a serem cumpridos para que os pescadores possam fazer uso do recurso pesqueiro. Ainda nos dias atuais algumas comunidades fazem essa prática para preservar os lagos e o ecossistemas deles respeitando as leis do defeso e até mesmo evitando que outros pescadores entrem em seus lagos.

Os acordos de pesca surgiram como uma forma de lidar com os conflitos e estabilizar ou reduzir a pressão sobre os recursos pesqueiros locais. Vários acordos de pesca foram celebrados, no entanto até hoje se questiona a validade legal desse tipo de instrumento, mesmo tendo o IBAMA, órgão responsável pelo gerenciamento pesqueiro no Brasil, elaborado em 1997 um documento considerando os acordos de pesca legalizáveis, (ALMEIDA, 2006)

A pergunta de número 2 questiona o meio de armazenagem do pescado, aqui vemos uma variação no processo de armazenamento, pois, dependendo da origem do pescado, após sua captura, pode estar armazenada em caixas com gelo improvisadas em feiras ou em frigoríficos (caso das cooperativas e mercados).

Segundo Riispoa (1952) o pescado resfriado deve ser devidamente acondicionado em gelo e mantido em temperatura entre -0,5 a -2°C. A utilização do gelo na conservação do pescado é importante, pois conserva o pescado contra a deterioração ao retardar o trabalho microbiano e as reações químicas de deterioração. Conserva o brilho e evita a desidratação, destacando-se como o meio mais comum, simples e conveniente para resfriar o pescado (SALINAS, 2002). Segundo o funcionário da cooperativa Z-17 em relação ao armazenamento:

*“As condições hoje tá meio precária essa Fabrica que é dos pescadores está desativada só tem essa daqui que é particular do empresário de São Paulo. Ai hoje pra ti armazenar o peixe tem que pagar 1,00 na entrada por mês se os peixes tem que ficar lá, pagam 0,30 centavos no kg por mês por que é um frigorífero particular que é a SÓ PEIXE. Porque o que é pra ser nosso tá tudo sucateado por que é do governo aí já sabe como é né.”*

O que se diferencia das respostas dos pescadores, que narram essa condição para a armazenagem como diz o pescador 2:

*“gelo e frizer, gelo comprado pela pelos revendedores de gelo e no freezer. No caso fica no seu box mesmo né, alguma parte no gelo fica no meu box agora no frizer fica em casa assim!”*

A variação na condição da armazenagem do pescado influencia na sua qualidade e, dessa forma, podemos afirmar que a procedência muitas vezes chega a ser duvidosa por falta de uma condição de armazenagem adequada. A maioria dos pescadores utilizam de isopor com gelo para a conservação do pescado e, esse por sua vez, tem vida útil reduzida uma vez que o próprio clima da região, assim como a quantidade de pescado, faz com que a durabilidade do mesmo seja reduzida.

A terceira pergunta trata das espécies mais comercializadas pela população. Mais uma vez encontramos uma diversidade na resposta dos entrevistados, os quais para alguns, em específico, destacam espécies mais exóticas e outros, espécies mais comuns, como retratada na fala do pescador 4:

*“o forte mesmo nosso é mais o bodó no período de setembro a outubro, novembro alcança até o mês de dezembro o período que o pessoal gosta muita da ova, devido a ova do bodó , e soa peixes que saem muito curimatã , o curimatã praticamente o ano todo[...].”(PESCADOR4)*

Dependendo da época do ano as feiras podem apresentar uma grande variedade de espécies que são comercializadas, algumas delas citadas pelo pescador 1:

*Tambaqui, Jaraqui, Pirarucu, Tucunaré, Curimatã, Aruanã, o que mais sai no momento é o Jaraqui e Tambaqui. Ele muda, de vez em quanto muda por causa do tempo deles. (Pescador 1)*

O período citado como “tempo deles”, se caracteriza pelo período sazonal das espécies, que abrange muito mais espécies do que essas citadas, uma vez que podemos identificar nas feiras da cidade a presença de: Sulamba, Pirarucu, Surubim, Mapará, Sardinha entre outras espécies consumidas durante o ano. Tais fatores dependem da época em que estão em maior abundância e, fora do período de reprodução.

A quarta pergunta visa identificar a origem do peixe que chega através dos pescadores. O objetivo era identificar a fonte dos peixes para as feiras, mercados ou comercializados pelos mesmos como ambulantes ou em Box’s que pertencem aos mesmos. Pode-se identificar mais adiante, em perguntas que detalham melhor como os feirantes tem acesso ao pescado por meio de atuação de terceiros, o efeito desses atravessadores no preço do pescado e a influência desses no lucro do pescador e no preço final do produto.

A quinta pergunta questiona a venda do pescado para terceiros e, onde são comercializados. Os pescadores participantes da pesquisa responderam que vendem em alguns casos diretamente a população, aos atravessadores e aos feirantes, que em tempos difíceis na venda eles recebem ajuda da cooperativa para armazenamento e compra.

Mas a prática de venda para os atravessadores é mais utilizada, uma vez que o pescador encontra uma vantagem bem melhor (lucro) nesse aspecto de venda. Essa prática é relatada pelos feirantes como podemos observar abaixo: Cooperativista 1 :

*O atravessador compra do pescador aí ele já vai levar na banca lá pra revender para a população, mas tem uns que acontece sim de um compra do pescador e esse atravessador já passa pro outro e o outro já passa pro outro. Isso que acontece é muito complicado, a nossa cidade, nosso prefeito, na área da pesca ele não olha pra isso, não tem nenhum terminal pesqueiro pra ter o controle.[...]. Hoje você vai no Itaúna, na Orla da União descarregam muito peixe, na francesa e no mercadão e aqui, tudo descontrolado sem um local certo hoje pra tirar o peixe.).*

A sexta pergunta investiga o principal alvo de venda do pescador, definindo se chega diretamente para a população, feirantes ou por meio de terceiros antes de atingir o consumidor final.

Apesar de ser citado, a prática de venda para atravessadores e outros indivíduos como ambulantes não mencionam diretamente esta prática como destacado na resposta obtida para a quinta pergunta. Identificamos que, como essas práticas são frequentes, muitos não citam que fazem esse tipo de serviço.

Além de que, alguns pescadores pegam pescado da cooperativa em período de baixa e escassez de pescado nas feiras, utilizando do pescado lá armazenado para a venda. Podemos citar a fala do DESPACHANTE 1:

*“é assim a gente trabalha com muitos feirantes, tira o peixe pra eles, libera o peixe lá na balança pra eles e passa cobrar a diária, passa todo dia nas feiras cobrando até ele quitar o valor que ele deve, aí ele volta a pegar e revender de novo, trabalhamos todo dia.”(DESPACHANTE 1)*

Por meio desse processo de venda do pescado, muitos buscam essa maneira para sobreviver uma vez que os próprios feirantes dizem que é a forma mais rápida de se ter o dinheiro em mão, uma vez que pela cooperativa demoraria muito mais tempo para se ver o dinheiro. Destacamos aqui também a fala do Feirante 1:

*“Do atravessador, eu já comprei do intermediário, lá eles tiram ganham uma comissão também, dão dois dias pra pagar, já o pescador não é na hora o pagamento por eles já estão voltando ai e pago logo na hora. Quando está apertado a situação já pede pro atravessador o peixe”.*(FEIRANTE1)

Assim dessa maneira podemos observar que os casos de venda para o feirantes dependem da exclusividade de ganhos para cada, uma vez que em sua maioria preferem ter o dinheiro em maos na hora.

A sétima pergunta destaca as principais espécies comercializadas pela população e podemos destacar mais uma vez a resposta do PESCADOR 4:

*Tambaqui, Jaraqui, Pirarucu, Tucunaré, Curimatã, Aruanã, o que mais sai no momento é o Jaraqui e Tambaqui. Ele muda, de vez em quanto muda por causa do tempo deles.*

Como já chegamos a destacar, dependendo da época que vamos às feiras da cidade o comercio de pescado varia, por preferencia ou até mesmo por falta das opções mais desejadas. Existem períodos do ano que o Bodó e Tamuatá estão em alta nas vendas no mercado, chegando até ser vendido por pessoas ambulantes pelos bairros da cidade, esses períodos são considerado sazonais. Assim destacamos a fala do PESCADOR 3:

*“então ne o bodó, que coloquei ne, falando dele mais, a curimatã e o pacu são os peixes, o tambaqui que a gente vendi com alta escala, o tambaqui sai bastante, tambaqui de viveiro”* PESCADOR 3:

Dessa forma chegamos à afirmação de que dependendo da época do ano, influenciada pelo período de defeso das espécies de peixe no qual algumas pescas ficam restritas para reprodução da espécie, a população tem suas preferencias. Eles podem muitas vezes consumir em viveiros que são uma lagoa artificial utilizada pela aquicultura.

A oitava pergunta questiona os valores de comércio das espécies mais consumidas, percebe-se que a cooperativa paga apenas 2,00 por kg, não diferenciando a espécie presente no pescado de primeira linha dos outros. O fato citado pode ser percebido na resposta abaixo do cooperativista 1:

*Hoje compramos o kg do pescador por 2,00 de todas as espécies, não tem diferenciação por espécie na safra não, porque vem tudo misturado. O valor do pescador e conforme, se ele vender 10 toneladas ele vai ganhar vinte mil*

*reais, as vezes eles pegam 5 toneladas, 4 toneladas e assim por diante. Pescaria é aventura, nesse tempo da safra todo mundo pega, piracema, todo mundo vira pescador. Não repassamos um valor, nós só compramos e repassamos pra SEMAST ai ela doa por que esse dinheiro que compramos é do governo Federal CONAB dinheiro que vem pra distribuição.*

Nessa pergunta podemos identificar os ganhos de todos os envolvidos na distribuição do pescado pelas feiras, mercados e cooperativas. O pescador que opta pela venda do próprio pescado atribui os valores que estão colocados pela demanda e qualidade do peixe que está vendendo, como destaca o pescador 2:

*; o bodó, o peixe em si ele varia de período, no período muito, ele cai o preço e quando ele está no período de escassez o preço ele dá uma levantada, o bodó temos vendido, um tipo de um peixe praticamente ele não aumentou o preço dele de outros peixes praticamente eles ficam nesses altos e baixos, o bodó é um peixe praticamente não desce o preço dele e não sobe, a gente vende três por dez a unidade, o assado o cru tem a varia de preço.*

Agora por sua vez destacamos a fala do feirante que adquire pescado para a revenda em seu box na feira. Pescador 1:

*varia o preço, já compramos barato pra vender um preço razoável para o consumidor, porque tem uns que vedem acima do valor que ele compra na feira, aqui não, ganhamos 1,00 1,50 o kg, tem outras despesa, o gelo, energia, carregador que traz pra gente tudo isso vai um gasto a mais. Por exemplo tira de 10,00 ganho de 12,00.*

Percebe-se nas entrevistas que o preço final é baseado na qualidade do pescado ou na demanda das espécies. Em relação à venda do produto, o pescador que vende ao atravessador que faz a revenda chegar a ganhar muito menos (cerca de 10% menos). O mesmo ocorre com quem escolhe vender para a cooperativa, uma vez que se sujeita a muitas horas de trabalho para a acumular uma boa quantidade de pescado para poder obter um lucro razoável. Muitos escolhem pela venda para a cooperativa por não possuir condições de armazenagem do pescado, além de ser venda certa e dinheiro rápido para os não associados que tem seus benefícios garantidos. Dessa forma destacamos a fala do COOPERATIVISTA 1:

*[...]Exatamente. Existe na sua visão, no caso desse despachante um impacto ambiental naquele rio que foi tirado o peixe. Exemplo ele vai comprar do pescador, por um valor mais em conta, depois ele vai te que tirar muito mais peixe daquele rio para que ele possa tirar um lucro também. Isso pode estar afetando as bacias, aquele pescador, ou atravessador esteja agindo naquele local, se causa algum tipo de impacto ambiental, o peixe vai ser escasso naquela por um período naquele rio, por tirar em grande quantidade é, em torno de conservação dos lagos totalmente fostes em alta escala vai dá um impacto negativo para os lagos, porque, vai ter períodos que vai faltar aquela espécie de peixes e já sentimos impactos como feirante em termo do peixe*

*do curimatã, a curimatã teve uns três anos , ela deu praticamente o ano todinho aqui no município mas do ano passado pra cá ouve uma caída dessa espécie então eu lembro que dois três anos atrás o preço da curimatã custar até dois reais , chegava em abundancia no município então , caiu demais o preço , hoje a curimatã está custando em torno pro feirante em torno de oito a dez reais , então pôr a gente vê a escassez , o alto pesca que foi feita lá traz.”*

A fala do cooperativista, associada ao apresentado anteriormente, caracteriza a externalidade no mercado de pesca em Parintins/Am, podendo-se perceber ainda uma significativa possibilidade de impacto ambiental sobre os estoques pesqueiros da região, caracterizado por sua diminuição e redução do tamanho dos exemplares vendidos.

A nona pergunta questiona o tempo que se pratica a venda, pesca e compra de pescado, com a exceção dos cooperativos, os demais iniciaram com pouca idade, na infância/adolescência. Percebe na cadeia do pescado em Parintins/Am que ocorre inclusive trocas de posições entre seus integrantes: *“Eu tô a trinta anos trabalhando dessa forma, antes eu era pescador, atravessador aí vim pra despachante.”* Como afirma o despachante 1.

Na décima pergunta, visamos destacar o apoio dos órgãos públicos: estado, prefeitura e dos não públicos como as cooperativas e além da relação dos pescadores com esses órgãos. Assim destacamos a resposta do COOPERATIVISTA 1:

*O pescador que é associado e o que não é, tem muita vantagem, o que é associado recebe um seguro que são de quatro parcelas dos pescadores que está tudo legalizada pela colônia todo ano, ele tem direito a auxilio doença, pega o laudo médico, ele vem aqui e consegue um auxilio pra ele de três meses, seis meses tem direito ao financiamento, se ele fez financiamento pelo banco da Amazônia pagou direitinho ele vai aumentando o valor dele, porque hoje o pescador que pagou o financiamento dele direitinho tem a possibilidade de fazer emprestar 360mil, os novatos pelo FEAM podem emprestar até 21mil esses são os benefícios e a aposentadoria também, se ele tá pagando direitinho ele só basta de 15 anos de colônia o homem com 70 anos de idade se aposenta mulher com 15 anos de contribuição na colônia com 55 anos se aposenta essa é a vantagem.(COOPERATIVISTA1)*

Em relação a ajuda dessas instituições não vemos muito destaque na fala dos entrevistados a não ser da cooperativa que destaca os benefícios que associados a eles e as colônias de pescadores. McGRATH et al. (1993) cita que devido ao incentivo do governo às empresas de pesca, disponibilizando as inovações tecnológicas, transporte, e meios de armazenamento, abriu-se um espaço para a pesca comercial como atividade economica para os ribeirinhos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As entrevistas realizadas com as diferentes categorias da cadeia de produção do pescado mostram o quanto esse recurso é explorado e, de modo geral, evidencia a dificuldade quanto armazenamento e venda do produto. Embora uma cadeia produtiva vá além de se explorar apenas o pescado bruto, a cidade de Parintins necessita de meios de produção de derivados que sejam aproveitados o ano todo pela população. Com a falta de meio de conservação adequado e, que seja adequado ao bolso do pescador, é de suma necessidade buscar estudos que evidenciam e diferenciam a qualidade do pescado que chega a mesa da população, uma vez que sem um bom armazenamento, a população esta sujeita ao consumo de pescado de qualidade duvidosa e, que pior dos casos, devido a precariedade do armazenamento pode resultar em doenças. A exploração dos lagos em período do defeso requer um controle maior das prefeituras/órgãos de fiscalização, sabendo-se que esta é precária e segundo os relatos, inexistente durante o período necessário, facilitando a pesca ilegal. O nível elevado de exploração das espécies nos rios e lagos se dá pela competitividade dos barcos pesqueiros e pescadores locais, os quais tentam manter o mercado exterior e o mercado local abastecidos nos períodos de entressafra de cada espécie de pescado.

## REFERENCIAS

ALMEIDA, O.; LORENZEN, K. & MCGRATH, D. **The commercial fishing sector in the regional economy of the Brazilian Amazon.** In: WELCOMME, Robin; PETR, Taylor (Org.). Proceedings of the Second International Symposium on the Management of Large Rivers for Fisheries Volume 2. Bangkok: FAO, 2004

AYRES, José Márcio. **As matas de várzea do Mamirauá.** Belém: Sociedade Civil Mamirauá, 2006.123p

BARTHEM, Ronaldo Borges; FABRÉ, Nídia. **Biologia e Diversidade dos recursos pesqueiros da Amazônia.** In: RUFFINO, M.L. (Org.). **A pesca e os recursos pesqueiros na Amazônia Brasileira.** Manaus: IBAMA/ ProVárzea, 2004. p.17-59.

Bombardelli, R. A., Syperreck, M. A., & Sanches, E. A. (2008). **Situação atual e perspectivas para o consumo, processamento e agregação de valor ao pescado.** Arquivos de Ciências Veterinárias e Zoologia da UNIPAR, 8(2).

CASTRO, A.M.G. de, COBBE, R.V., GOEDERT, W.J. **Prospecção de demandas tecnológicas - Manual meto- dológico para o SNPA.** Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Departamento de Pesquisa e Difusão de Tecnologia. Brasília: EMBRAPA-DPD, março, 1995.82p

CRESWELL, J. W. (2007). Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.

<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/29878743/portal-reune-informacoes-sobre-cadeia-produtiva-do-pescado>

IBGE- **Instituto Brasileiro de geografia e estatística.** 2017. Areas dos municipios disponivel em <<http://www.ibge.gov.br/geociencia-novoportal/organização-do-territorio/estrutura-territorial/15761-areas-dos-municipios.html?=&t=downloads>>

JUNK, Wolfgang Johannes; BAYLEY, Peter B.; SPARKS, R. E. The flood concept in riverfloodplain systems. In: Dodge, D. P. (Ed.) - **Proceedings of the International Large River Symposium.** Lan. Spec. Publ. Fish. Aquat. Sci., p.110-127. 1989.

LEITE, L.. A. de S; PESSOA, P.F.A. de P. **Estudo da cadeia produtiva como subsidio para pesquisa e desenvolvimento do agronegócio - Centro Nacional de Pesquisa de Agroindustria Tropical.** Fortaleza: EMBRAPA-CNPAT, 1996.

LIMA-AYRES, D. 1999. **Equity, sustainable development and biodiversity preservation: Some questions on the ecological partnership in the Brazilian Amazon,** 247-263. In C. Padoch, J. M. Ayres, M. Pinedo-Vasquez and A. Henderson (eds.) Várzea: Diversity, Development, and Conservation of Amazonia's Whitewater Floodplain. New York: The New York Botanical Garden Press.



McGrath, D.; Castro, F.; Futemma, C.; Amaral, B. D. e Calabria, J. 1993. **Fisheries and the evolution of resource management on the Lower Amazon floodplain.** Human Ecology 21(2): 167-95.

RIISPOA: **Regulamento de Inspeção Industrial e Sanitária dos Produtos de Origem Animal**, aprovado pelo Decreto Nº 30.691, de 29.03.1952.

RUFFINO, Mauro Luis. **A Gestão dos Recursos Pesqueiros na Amazônia.** Manaus: IBAMA, 2005, 135p.

SANTOS, G. M.; SANTOS, A. C. M. **Sustentabilidade da pesca na Amazônia. Estudos avançados**, Vol.19, p.165-181. 2005

SALINAS R D, **Alimentos e nutrição: introdução a Bromatologia**, Artmed. Porto Alegre, 3º edição, 2002. P 91

**APÊNDICE:****APÊNDICE 1:**

## Análise das externalidades na pesca da região de Parintins/AM

## PESCADORES

1. Quais as origens do Pescado em Parintins? Qual a fonte principal? (De onde vem mais)?

A nossa rede de pescador, nós trabalhamos com a CONAB que hoje está beneficiando quarenta pescador nosso e cada pescador tem direito de vender aqui pra associação através da CONAB do governo federal oito mil reais cada pescador, esse ano estamos querendo ampliar pra mais quarenta.

O pescado vem dos lagos, hoje vem da beira do amazonas os peixes saem para os lagos, que estamos na ribassama que é a piracema falado, nossos pescadores pegam peixe na beira do amazonas porque o peixe vai subindo todo tipo de peixe, pacú, aracú, curimatá, jaraquí, sardinha, mandié tudo quanto é peixe. E esses peixes eles pegam venham vender pra nós os que estão beneficiados na CONAB e os que não venham na feira da francesca e assim espalhar pra cidade toda, e muitos venham do Pará também nos barcos do para abastece os Paraenses e é assim que fazem a comercialização.
2. Quais são as condições de armazenamento da pesca em Parintins?

As condições hoje tá meio precária essa Fabrica que é dos pescadores está desativada só tem essa daqui que é particular do empresário de São Paulo. Ai hoje pra ti armazenar o peixe tem que pagar 1,00 na entrada por mês se os peixes tem que ficar lá, pagam 0,30 centavos no kg por mês por que é um frigorífero particular que é a SÓ PEIXE. Porque o que é pra ser nosso tá tudo sucateado por que é do governo aí já sabe como é né.
3. Quais são as principais espécies (tipo de peixe) são negociados na cidade?

Hoje que é mais procurado que é carro chefe é o Pacú, pacú tá indo pra colômbia direto, os colombianos vieram pra cá e tão comprando toda a quantidade de peixe pacú, inclusive eles já estão até aí. Mas tem o curimatá, tem o jaraquí que é o famoso que no amazonas gostam muito, tem o bodó tem o tambaqui que ta meio difícil, o pirarucu também. Carauaçú, sulamba entre outros, mas pra exportação o carro chefe é o Pacú, os chineses vão baixar pra comprar, os chineses ano passado compraram, mas eles querem mais assado e a pescada.
4. Onde os peixes depois de repassados para os comerciantes são vendidas as pessoas?

Os que vão vender pra CONAB vão pra SEMAST, e lá por exemplo chega aqui o baú pega aí vai lá pra SEMAST ela distribui para a população, o da nossa

região eles ficam na caixa mesmo, todos os barcos pesqueiros tem a caixa mesmo e da caixa já sai pra balança, das balanças já saem para o triciclo aí é espalhado e colocado nas bancas. Não fica armazenado aqui assim só está armazenado o Pacú que tem mais procura.

5. Os pescadores vendem diretamente os peixes aos comerciantes e feirantes? Todos as espécies ou alguma específica é vendida diretamente. Hoje não, só temos a CONABI que repassa pra nós e nós repassa pra SEMAST aí ela já distribui.
6. Existem pessoas que compram os peixes dos pescadores e vendem para os comerciantes? (essa é a pergunta principal – investigue bastante!) O atravessador compra do pescador aí ele já vai levar na banca lá pra revender para a população, mas tem uns que acontece sim de um compra do pescador e esse atravessador já passa pro outro e o outro já passa pro outro. Isso que acontece é muito complicado, a nossa cidade, nosso prefeito, na área da pesca ele não olha pra isso, não tem nenhum terminal pesqueiro pra ter o controle. Tendo um terminal pesqueiro o peixe só vai sair naquele terminal se sair peixe fora da cidade é proibido é prender e prender mesmo, por que isso no terminal teria que pagar imposto, pagando imposto aí dava pra controlar mais. Se tu tiras peixe hoje aqui na baixa do São José, tira na Francesa em todo o redor da cidade tem como desembarcar peixe se tivesse um terminal seria só no terminal dava uma nota fiscal do peixe ai teria um controle mas não tendo um terminal pra tirar, não tendo o apoio da prefeitura fica muito difícil pra ter o controle porque a prefeitura tirando o imposto do peixe dela, imposto que e de direito ai dava pra controlar mas sem isso não tem com ter. Hoje você vai no Itaúna, na Orla da União descarregam muito peixe, na francesa e no mercadão e aqui, tudo descontrolado sem um local certo hoje pra tirar o peixe.
7. Existem espécies preferidas por essas pessoas que compram dos pescadores e vendem para os comerciantes?
8. Qual o valor (detalhar por espécie) que o peixe é comprado do pescador e qual o valor é vendido ao comerciante? Hoje compramos o kg do pescador por 2,00 de todas as espécies, não tem diferenciação por espécie na safra não, porque vem tudo misturado. O valor do pescador e conforme, se ele vender 10 toneladas ele vai ganhar vinte mil reais, as vezes eles pegam 5 toneladas, 4 toneladas e assim por diante. Pescaria é aventura, nesse tempo da safra todo mundo pega, piracema, todo mundo vira pescador. Não repassamos um valor, nós só compramos e repassamos pra SEMAST ai ela doa por que esse dinheiro que compramos é do governo Federal CONAB dinheiro que vem pra distribuição.
9. A quanto tempo essa prática é realizada?

Sobre o processo de associação, pra entrar tem que ser pescador, tem uma assistente social que vai na casa tira foto do material, conversa vizinhos do lado direito e esquerdo da casa pra saber sobre ele, se associarmos uma pessoa que não é pescador já sabe que é prisão, tem que tomar muito cuidado por que o primeiro presidente daqui já responde por processo, hoje em dia estamos classificando mesmo, mas bem devagar.

O pescador pra vender pra CONAB tem que ter o DAPD resolve aqui e tira lá no IDAM, desses 40 pescadores que estão aptos pra vender pra nós.

Sobre limite de pesca não tem, não tem um controle porque o lance dele é encher a caixa dele pegar o que ele puder, se ele quiser matar peixe e jogar fora ele joga. Quanto mais ele pegar melhor pra ele, não tem essa noção do meio ambiente, nada, ele ainda não tem a conscientização de pescar só o necessário e jogar o resto isso não existe não.

Hoje o controle é assim quem der preço maior leva o peixe, dos pescadores é assim, se aparecer um que quer dar 1,50 aparece um com 1,80 ou 2,00 no kg. É quem dar mais.

O pescador que é associado e o que não é, tem muita vantagem, o que é associado recebe um seguro que são de quatro parcelas dos pescadores que está tudo legalizada pela colônia todo ano, ele tem direito a auxilio doença, pega o laudo médico, ele vem aqui e consegue um auxilio pra ele de três meses, seis meses tem direito ao financiamento, se ele fez financiamento pelo banco da Amazônia pagou direitinho ele vai aumentando o valor dele, porque hoje o pescador que pagou o financiamento dele direitinho tem a possibilidade de fazer emprestar 360mil, os novatos pelo FEAM podem emprestar até 21mil esses são os benefícios e a aposentadoria também, se ele tá pagando direitinho ele só basta de 15 anos de colônia o homem com 70 anos de idade se aposenta mulher com 15 anos de contribuição na colônia com 55 anos se aposenta essa é a vantagem.

10. Existe algum apoio do estado (prefeitura, cooperativas...) para a pesca e, qual a relação destes órgãos com as pessoas que compram dos pescadores e vendem para os comerciantes.

Espero que não te matem...

## APÊNDICE 2:

### DESPACHANTE

1- Qual origem do pescado que o você compra?

R: Esse pescado vem de vários lagos daqui da região, eu trabalho com mais pescadores daqui da nossa região mesmo, então aqui nossa região tem vários lagos como: macuricanã, limão, de onde vem maioria deles.

2- Condições de armazenamento?

R: São armazenados em freezers, que a gente usa pra armazenar o peixe que vem do pescador, aqui a gente passa direto pro atravessador que já é outro tipo de armazenamento.

3- Tem ideia de quando em kg você consegue armazenar no máximo nesses freezers?

R: Na época da safra que começa agora em julho, na época a gente armazena mais ou menos 10 toneladas por semana, a gente dá esses peixes, revende, aí volta armazenar essa mesma quantia é nessa faixa de 10 toneladas por semana. 4- Quais são as principais espécies de peixe que você comercializa?

R: Varia muito, depende muito da época de defesa, onde maioria do peixe não tão proibido, é o pacu, curimatã, jaraqui, mapará, surubin, dourado, filhote, são esses peixes a pirapitinga, o apapá, são os peixes que a gente trabalha na época que não tão na proibição. Alguns desses peixes na proibição a gente procura trabalhar com os peixes que não tão proibido, vai variando de peixe como a sulamba, curimatã, os peixes que não estão em defesa. 5- Repassa esses peixes pra feirante, mercado, consumidor final?

R: nosso peixe é trabalhado para os feirantes, agente repassa esses peixes para os feirantes ai eles vendem nas feiras ou no mercado.

6- Como é, negociação?

R: é assim a gente trabalha com muitos feirantes, tira o peixe pra eles, libera o peixe lá na balança pra eles e passa cobrar a diária, passa todo dia nas feiras cobrando até ele quitar o valor que ele deve, aí ele volta a pegar e revender de novo, trabalhamos todo dia.

(o senhor por exemplo vai tendo uma capital pro senhor, o feirante é mais cômodo por que ele vai ter com que trabalhar, as vezes não vai ter aquele dinheiro todo pra pagar de uma vez, aí o senhor vai dar um respiro para que ele possa trabalhar)

Aqui em Parintins são três balanceiros que a gente fala, despachantes que somos nós, no caso são três e eu sou um deles, trabalho junto com meu filho, aí agente passa despachar, quase todo dia a gente faz esse trabalho, passa a despachar peixe na beira e passa fazendo as cobranças. E uma maneira de ajudarmos os feirantes e eles nos ajudar.

7- Questão do pescador, negociação dá um suporte para o pescador?

R: No meu caso um pouco diferente do outro colega que vem de lá, eu trabalho mais com pescadores da região, ele trabalha mais com pescadores de fora, no caso dele é mais despachada, no meu caso eu invisto no pescador eu compro material pra ele, compro canoa, compro rabeta, arrumo dinheiro das despesas, aí ele traz o peixe eu vendo e vou descontando, assim que funciona.

(eles podem pedir também uma antecipação pra que deixe pra família dele, para que ele vá lá fazer o pescado e consiga também pra família dele e para o senhor também)

Eles precisam realmente deixar alguma coisa pra família deles pra poder ir para o lago, e assim a gente faz, procura ajudar pra poder ir pro lago.

8- Quais as principais espécies de peixes que Parintinense procura?

R: sim, na época da safra que é a época da piracema é o jaraqui, tem outros peixes mais a preferencia é o jaraqui.

9- Valor que você compra do pescador e repassa para o feirante?

R: Eu trabalho por comissão, eu ganho comissão em cima disso, o peixe chega eu tiro pro atravessador aí eu tiro 10% da comissão do valor do peixe pra nós. Vamos supor eu pego um peixe do pescador que custa 10 mil reais é o valor do pescado eu vendi aí tiro 10% do pescador. 10- Quanto tempo você está trabalhando nessa área?

R: Eu tô a trinta anos trabalhando dessa forma, antes eu era pescador, atravessador aí vim pra despachante.

10 - Por que na sua visão, e muito melhor ter você como fornecedor do que trabalhar em cooperativa?

R: É uma forma da gente se ajudar, porque assim a cooperativa no caso deles que são pescadores que são associados eles precisam das notas pra da entrada no seguro deles, e a gente funciona como uma ponte pra conseguirem da entrada no seguro deles, quase todos eles que trabalham com a gente são filiados das colônias, vira uma parceria entre nós e o pescador e a própria associação deles.

A gente costuma falar que o pescador só vai para o lago porque quando realmente está precisando, nada mais justo que a gente arrume o dinheiro pra ele na entrega do peixe, se acerta e desconta o que tem que descontar no saldo dele. A gente fica na feira ate eles terminarem de pagar, a gente pega um pouco de pino, mas a gente recebe. Nessa época do Jaraqui do muito atravessador que não tem banca não tem local próprio, sem caráter, que não tem credibilidade aí pega o produto da gente, leva a gente fica no prejuízo, porque a gente tira do barco do pescador aí tem que pagar pro dono do peixe ai o prejuízo já é nosso, atravessador não pagar pra nós mas são poucos. O pescador é muito grato, pra gente fazer esse trabalho pra eles e Nois somos gratos pelos pescadores assim como os feirantes e a população que consomem. Por que dependemos um do outro.

### **APÊNDICE 3:**

#### **FEIRANTE 1**

1- Origem do pescado que o senhor compra?

R: Do rio Amazonas mesmo, dos lagos que o pescador pesca aqui por perto mesmo. Daqui da região.

2- Condições de armazenamento?

R: Armazena com gelo em caixas de isopor, frizer, mas nós costumamos armazenar no gelo, não utilizamos sal.

3- Quais as principais espécies de peixes de vocês vendem?

R: tambaqui, jaraqui, pirarucu, tucunaré, curimatã, aruanã, o que mais sai no momento é o jaraqui e tambaqui. Ele muda, de vez em quando muda por causa do tempo deles.

4- Você compra o pescado diretamente do pescador ou de intermediário?

R: compro diretamente de um pescador, eu vou lá na beira buscar, eles ligam pra gente la na embarcação aí vamos lá buscar.

5- Tem conhecimento da pratica que compra do pescador ou atravessador e que revende para o feirante?

R: sim, tem alguns que fazem isso, compra lá e revende pra gente, o momento em que eles tão lá eles compram do pescador e repassam pra gente, já com custo mais alto, por isso sai mais caro na banca.

6- Mais caro comprar do pescador ou atravessador? Qual diferença na venda?

R: Do atravessador, eu já comprei do intermediário, lá eles tiram ganham uma comissão também, dão dois dias pra pagar, já o pescador não é na hora o pagamento por eles já estão voltando ai e pago logo na hora. Quando está apertado a situação já pede pro atravessador o peixe.

7- Valor do pescado?

R: varia o preço, já compramos barato pra vender um preço razoável para o consumidor, porque tem uns que vedem acima do valor que ele compra na feira, aqui não, ganhamos 1,00 1,50 o kg, tem outras despesa, o gelo, energia, carregador que traz pra gente tudo isso vai um gasto a mais. Por exemplo tira de 10,00 ganho de 12,00.

8- Por que a pratica do atravessador, e porque não compra nas cooperativas?

R: por causa que quando vai pro frigorifero já sai mais caro pra gente, lá é por que eles armazenam e aí eles já querem o valor mais alto, porque lá eles gastam mais. Pescador não e mais barato e paga uma vez só, sem prazo.

9- Pra comprar nas cooperativas precisam ser associados?

R: não, acho que não, nunca comprei deles, a cooperativa não ajuda a gente.

10- Poder publico auxilia em alguma coisa, ajuda no tempo que não pode pescar?

R: não agente não tem para os pescadores tem, para os atravessadores não, não dão aquele apoio a nós , porque primeiro tem que ser associado a colônia, a gente não. Tem associação dos feirantes mais não temos aquele poder de ajuda do governo e ne do próprio município.

#### **APÊNDICE 4:**

##### **PESCADOR 2**

1- Qual origem do pescado?

R: sou pescador de lago, xiguiu do macuricanã

2- Armazenamento?

R: em Caixa de isopor, vai pesca e coloca na caixa.

3- Principal peixe que pesca?

R: Matrixã, que sai mais e é o que mais pesca.

4- R: eu revendo peixe, essa pratica é quando o pescado tá em falta, quando por exemplo a matrixã tá em abundância, repassa o peixe pro despachante, ele vende esse peixe pro despachante, quanto menos peixe revende na rua, na frente de casa, ou quando peixe esta em abundancia ai e revendido. 5- R: sim revendo, para o despachante com aquela condição de quando tem grande quantidade aí é negociado.

6- Espécie que ele mais vende é?



R: Matrixã e o bodó, que é o que mais sai e o que mais pescado e o que mais as pessoas compram.

7- valor?

R: Quando tá em época de abundancia, vendo para o despachante no valor de 2,00 o kg da matrixã, quando eu vou revender já vendo por 10 ou 12,00 o kg da matrixã.

8- desde quando faz essa pratica de despachar o peixe?

R: desde quando iniciei na pesca quando eu tinha 13,14, 15, 16 anos, sempre existiu essa pratica do cara que compra o peixe (despachante), principal vantagem desse despachante é o dinheiro, o despachante vai lá pesa e paga logo. Se fosse vender para uma cooperativa iria passar semanas, meses sem receber o dinheiro, então é mais vantajoso vender para o despachante do que para a cooperativa.

9- R: benefício maior é a questão financeira, conheço pescadores que pedem adiantamento, rede ou metade do valor a ser pescado, é um adiantamento do valor. Questão de que o despachante da malhadeira, isopor, gelo, o pescador fica preso nesse despachante, ou seja ele vai ser obrigado a vender. Na situação de vender a 2,00 o kg, agora não ele vai vender a 1,50 o kg e que o despachante vai querer ganhar em cima do que ele já deu, ai ele vai comprar o peixe mais barato e ganhar mais ai ele fica preso a esse despachante que deu as coisas pra ele.

10- Sobre apoio do estado ou governo?

R: Não tem, nem tem fiscalização a única coisa que recebo é auxilio desemprego na época de quando não pode pescar é a única ajuda que nós pescadores temos, mas fiscalização as vezes é rara e bem pouca e superficialmente.

## **APÊNDICE 5:**

### **PESCADOR 3**

1- Qual lago?

R: A gente pesca aqui nessa área do Macuricanã, fica aqui no outro lado do Amazonas, a gente pesca ai, nossa profissão agora nesse período que tá enchendo a gente pesca o peixe no barco, os peixes que não tá proibido, os que estão a gente não pesca, deixa pra pescar eles quando sair do viveiro, agora no dia 15 de março vaizer liberado.

2- COPESCA Armazenamento?

R: Eu tenho uma canoa de 7 metros, rabeta, aí a gente pesca o peixe lá no lago, a gente vem e vende aqui na cidade, direto pro consumidor. Aí, a gente termina de vender e volta de novo pesca no outro dia, pesca é outro dia vende de novo. Quase todo dia vende peixe, não armazeno nada de peixe, a gente pesca assim pra armazenar o peixe assim pra tirar de atacado pra vender assim pro frigorífero ou pro atravessador assim não. É porque o nosso meio é pouco, nós não tem condições de

comprar um banco pra gelar o peixe, a gente pega assim naquele isopor 160L, enche ele dois dele porque é perto não faz muita dispersas.

3- Espécies de peixe?

R: A gente pesca o Bodó, Curimatá, Tambaqui, mais é mais o Bodó e o Tamuatá é o que sai mais. Negócio de Pirarucu pra gente eu não pesco não. Por que Pirarucu já tem um custo maior, a dispersas já é mais, ai tem que levar um aparelho mais assim grande na hora de matar ele. Minha é mais esses miúdos como bodó, taumatá, curimatá, peixe que pesca mais.

4- Repassar feira?

R: Não, só vende na frente da cidade, a gente chega tira o peixe pra terra, vende lá na beira da rua, termina e volta. A gente trás 600 bodó, 500 bodó e vende tudo quando termina nós vai embora.

5- São muitos que fazem essa pratica?

R: são, são muitos pescadores, tem muitas canoas não é só um não, hoje vem 4 a 5 canoas de peixe na frente ai outros já foram pro lago, ai quando é amanhã nós já entra pra pescar e retorna outro dia e assim nós vamos. São mais de 10 canoas e mais de 10 pescadores e vai e vem, vai vem.

6- Vende mais pro feirante ou consumidor?

R: mais pro consumidor, pra ele se alimentar tem muitos que já leva tá praticamente pronto. Querem cortado aí tira a galha, tira o bucho aí a pessoa já vai só temperar.

7- Preferência de peixe?

R: mais o Bodó que sai, agora esse período que tá enchendo mais alaga mais tem bodó e tamuatá, esse dois e que tem mais preferencia pro consumidor aqui em Parintins. O tambaqui sai, curimatá sai, mas tem a hora dele o período deles.

8- Esses peixes você pesca no ano todinho?

R: É, o ano todinho.

9- Valor?

R: 500 bodó, aí a gente vende 3 por 10,00 ou 4 por 10,00 ai da o total de 600,00 a 700,00 é a média que a gente tem, tem outros custos, que a gente compra sacola, a gasolina pra gente voltar.

10- Ação da COPESCA no seu trabalho, ajuda?

R: Nada, eu só tô gastando, sou sócio aqui na colônia, sou novo, vou fazer agora um ano agora em abril, so tô gastando só pagando. Não tenho contribuição com nada, só tô pagando mensalidade e eu não tô tendo outra contribuição com nada. Compra um gelo mais barato, a gente não encontra têm que comprar de um outro mais desconto, era uma colônia pra ajudar nó mas não tem um frigorífero, um gelo pra armazenar, chega o período do camarão, a agente corre atras de frigorífero pra alugar pra armazenar o nosso camarão não consegue. Porque não temos uma pessoa pra acompanhar a gente com uma autorização. Tudo isso ai é um meio que a gente perde muito prefeitura daqui quer acabar com nós.

11- Período que não pode pescar?

R: não ajuda, agora que tá no terceiro quando a terra vai saindo planto, macaxeira, planto milho, melancia, girimum, maxixi, como tá no terceiro eu só tô colhendo, e esse período de janeiro de dezembro pra cá, eu não fui nenhuma vez no lago eu só vou no lago quando eu terminar de tirar meu produto, vai terminar lá pro mês de março eu tô colhendo meu milho minha macaxeira. Nesse período que vou pescar. Então a colônia não ta me contribuindo com nada e eu só to gastando. Eu sei que vão me ajudar com cesta básica, com gasolina, não. Se eu quiser meu trabalho e eu que tenho que ralar.

12-Curso?

R: falaram aqui, o presidente da colônia falou, chegar no mês de outubro iam fiscalizar o lago pros pescadores não atacar o lago, pra da uma equilibrada. Pessoal mais pescador assim que que são associados passou esse período não foram, não foram fazer uma revista, nada. Esse pessoal que tem esses materiais como arrastão, arrastadeira, ele não quer nem saber se mais tarde vai ter, ele quer saber que ele encha.

13-Forma de pesca?

R: malhadeira de mica, e esse período agora tá cheio que a gente pesca o bodó, a gente pesca com a malhadeira de mica só pra entralhar por cima aí onde tem o bodó que é em água corrente, a malhadeira deita, fica deitado igual a rede que agente deita, fica deitado em cima d'água na boiada do bodó que é o mesmo com taumatá. O taumatá a gente pega aí pra banda do Macuricanã mesmo que seja aqui no Amazonas é só um lago grande que tem ai pra trás. Então a gente compra aquelas malhadeiras grande pra pescar o taumatá. Aí faz o cercado joga a coita na água mete os carotes na água aí joga as malhadeiras pra pegar o taumatá que só pega na boiada.

14- Quantos kg?

R: Só pego dois isopor de peixe não transbordo por minha canoa é pequena e as vezes quando vai só eu, pego essa quantidade e venho embora. No outro dia a gente vem compra de novo o gelo e volts de novo. A pescaria é perto, da 2h de viagem 2:30 quando a canoa vai cheia, pesada é duas horas e meia de viagem de rabetá.

15 –

R: tenho, conheço pessoas que tem mais capital, mete lá o flutuante, mete o barco pra comprar o peixe aí eles colocam a gente lá pra vender, como aqui na colônia né, compra, colônia compra muito peixe, quando não eles vendem pra baixa.

15-Eles compram mais barato?

R: eles compram , como nesse período agora de agosto, setembro, outubro e novembro período que dá mais peixe na ribassão, tem pessoa que compra de 1,50 o kg do curimatá 1,00 o kg do pacú, aqui dá pra ganhar o dobro , uma pirapitinga que lá eles chega a da 2,00 ou 1,50 no kg, pirarucu que vende a porção, vende 7 ou 8,00 pra ele lá , que eles vão vender de 15 a 20,00 o kg, ai é pra acabar, eles tem capital ne.

16-

Pescador já não que se empatar de vim aqui, por que lá a pessoa que compra tem mais ou menos tudo, tem gasolina o gelo, ele beneficia com a malhadeira, se eu não tenho a malhadeira, mas lá ele tem, de lá só faz já voltar, não vem mais aqui, pra

quem vende não vai mais ter o trabalho de vim aqui, gastar voltar pra lá, já tá mais perto.

16- Se ele vende mais barato, eles têm que tirar mais peixe do rio pra ter um lucro também?

R: é, tem que pegar mais, entregar 500kg de curimatá por exemplo pela parte da manhã aí volta de novo trás mais 500kg. Aí ele ganha a mais de duas pescarias em um só dia.

17-

R: quem ganha mais é o que compra, o atravessador é o que ganha mais por ele vai vender o kg do curimatã agora de 8 a 10,00 o kg, ele compra de 1,50 o dobro que ele vai ganhar, nós não passa de uma sandália ganha aquele pouquinho e acaba tudo em material. Sempre vai sair perdendo o pescador.

Pessoal aqui da cidade já reclama que o atravessador vende caro, comprando de terceira já, já vende pra eles, na beira da rua já vai vender ainda mais caro porque estão comprando de terceira.

18- Tem alguma ideia, alguma sugestão pra que essa prática não continue prejudicando vocês pescadores e nós como consumidores?

R: se nossas autoridades, tipo fizesse uma parceria pra ajudar nós mais pescador, o pescador iria chegar mais barato pro nosso parintinense que consome o pescador, cairia mais barato porque comprar o gelo mais barato, as malhadeiras mais baratas, nós não tem condições de pegar todo mês uma tonelada ou duas toneladas de peixe pra armazenar no frigorífico, nós não tem condições quando vai tirar o peixe já não tem como ganhar nada, só trabalha pra ele já, nós não tem um meio pegar o peixe, tem um período aí que dá muito peixe, praticamente quando a gente vai pegar o peixe metade a gente dá por que não tem armazenamento. Aqui na colônia a gente vem pedir informação pra armazenar uma tonelada de peixe aí tem que falar com fulano, falar com ciclano, até a gente da providência de arrumar um agasalho o peixe não presta mais.

19- Vende o peixe pra COPESCA?

R: NÃO, nunca vendi pra cá, nem pra essas bancas, paraenses, nem pra esses barcos pesqueiros, nem pras colônias. A gente pega o peixe e vende lá na beira da rua. Sou sócio aqui na colônia, benefício até agora nada não tenho meio de contribuição não, se agente quiser um isopor a gente tem que ralar pra comprar um isopor, se der problema no rabeta você tem que ralar pra consertar o rabeta. Não fornece nada, nesse negócio de se associar amanhã e a colônia ajudar, não. Não se fiar que a colônia não vai ajudar, eles não vão nem vendo a desgraça da gente.

## APÊNDICE 6:

### PESCADOR 4

1- qual é as origens dos pescados de Parintins, quais são os principais lagos da região

R: por região, o complexo do mauricana e tem também o lago do boto, região da brasileira de onde tu vens que trazem esses peixes, região da macaca, Paraná da macaca, região do cumprido, Paraná de Parintins e nessa região do Limão, Paraná do Limão são tudo região próximos daqui

2- quais são as condições de armazenamento do peixe

R: gelo e frizer, gelo comprado pela pelos revendedores de gelo e no freezer.

No caso fica no seu box mesmo ne

Alguma parte no gelo fica no meu box

Agora no frizer fica em casa

Ah sim!

3- quais são as principais espécies de peixes que o senhor vende, aqui mais sai, em que período de janeiro a fevereiro em março sai a quantidade de peixe e assim sucessivamente se puder falar.

R: o forte mesmo nosso é mais o bodó no período de setembro a outubro, novembro alcança até o mês de dezembro o período que o pessoal gosta muita da ova, devido o a ova do bodó , e soa peixes que saem muito curimatã , o curimatã praticamente o ano todo , o excesso pouco diminui mês de dezembro e janeiro e fevereiro, período que elas estão um pouco magra mas é um peixe que vendi quase o ano todinho , e passa até trabalhar congelada também no período desova que ela se encontra um pouco magra , a gente trabalha ela como peixe congelado comprado fabricas e fazem esse congelamento e processamento de congelamento de peixe.

4- o senhor vendi, revendi, em qual local

R; feira da conquista

5- se o senhor puder falar de que forma por exemplo que o senhor recebi esse peixe de que forma, compra esse peixe, por exemplo, de determinada espécie, determinado jeito ou por exemplo se só compra de único fornecedor

R; não são várias, são vario aos fornecedores e dependendo principalmente do bodó agente compra eu vivo agente trabalha com ele vivo, que o pessoal gosta dele natural.

6- O senhor tem algum contato, com algum, se senhor compra peixe de alguém despachante ou atravessador esse cara ou essa pessoa que compra o peixe do pescador e revendi para o senhor no caso

R; A gente trabalha com um produtor mesmo que é o pescador mesmo em si, o despachante e o próprio feirante, que a gente trabalha com esses três tipos de pessoa Então o senhor tem contato

7- qual é o tipo de peixe que mais sai, qual é o tipo de peixe mais vendi, independente do período, mas qual é o comprador que tem mais preferência de comprar (carro chefe).

R: então ne o bodó, que coloquei ne, falando dele mais, a curimatã e o pacu são os peixes, o tambaqui que a gente vendi com alta escala, o tambaqui sai bastante, tambaqui de viveiro

8- o senhor pode falar um pouco do valor que o senhor passa para o consumidor

R; o bodó, o peixe em si ele varia de período, no período muito, ele cai o preço e quando ele está no período de escassez o preço ele dá uma levantada, o bodó temos vendido, um tipo de um peixe praticamente ele não aumentou o preço dele de outros peixes praticamente eles ficam nesses altos e baixos, o bodó é um peixe praticamente não desce o preço dele e não sobe, a gente vende três por dez a unidade, o assado o cru tem a varia de preço.

Sim o bodó é o que senhor mais vendi

9- por exemplo no caso da prefeitura ou do governo do estado, na sua visão existe algum apoio deles para vocês no caso como feirante, para se mantem, a questão de não comprar dessa cooperativa, qual é a barreira ou a dificuldade, em relação assim, porque que o senhor não entra, que o senhor não compra de uma cooperativa ou uma coo pesca ali da baixa

R: sobre ajuda vinda do poder público, a gente não tem esse tipo de ajuda falando diretamente por mim, não sei os outros colegas, creio que não então em temo de comprar de cooperativa já tem uma, a gente compra da cooperativa em alta escala, porque tem sempre uma pessoa, sempre um despachante, depois da cooperativa tem um despachante, então é com essa pessoa mais que a gente trabalha

10- o senhor pode falar mais sobre o despachante, no caso, a questão do mais interessado no caso, exemplo comprar deles facilita mais para o senhor ou é mais barato compra deles do que da cooperativa, ou chega mais rápido

R; a diferença do despachante e da cooperativa, que com despachante ele te fornece o peixe em pagar um retorno depois, fazer o pagamento depois conforme tu vais fazendo tuas vendas, a cooperativa tu tens que trabalhar com teu próprio recurso, ou seja, comprar a vista

As vezes você está sem dinheiro (capital de giro) aí não tem como ter essa garantia que o senhor pague depois no caso, no caso o despachante vai fornecer um prazo para que seja vendido, tenha capital depois fazer o pagamento

Exatamente

Não necessariamente você tenha o dinheiro para fazer o pagamento do peixe a vista, a quantidade de peixe que você comprou, você não precisa pagar ele depois de um tempo pagar tudo de uma vez, pode ser parcelado esse valor.

Exatamente, é isso mesmo, tem também um outro negócio, que faz com o despachante é quando que você tem o dinheiro para cobrir aquele valor do peso que está comprando ele dá, faz um reajuste, sai um peixe mais barato, em torno de cinquenta centavos por quilo, um real até dois reais por quilo

Então isso faz diferença para o consumidor final no caso.

Exatamente.

Existe na sua visão, no caso desse despachante um impacto ambiental naquele rio que foi tirado o peixe. Exemplo ele vai comprar do pescador, por um valor mais em conta, depois ele vai te que tirar muito mais peixe daquele rio para que ele possa tirar um lucro também. Isso pode estar afetando as bacias, aquele pescador, ou atravessador esteja agindo naquele local, se causa algum tipo de impacto ambiental, o peixe vai ser escasso naquela por um período naquele rio, por tirar em grande quantidade

É, em torno de conservação dos lagos totalmente fostes em alta escala vai dá um impacto negativo para os lagos, porque, vai ter períodos que vai faltar aquela espécie de peixes e já sentimos impactos como feirante em termo do peixe do curimatã, a curimatã teve uns três anos , ela deu praticamente o ano todinho aqui no município mas do ano passado pra cá ouve uma caída dessa espécie então eu lembro que dois três anos atrás o preço da curimatã custar até dois reais , chegava em abundancia no município então , caiu demais o preço , hoje a curimatã está custando em torno pro feirante em torno de oito a dez reais , então pôr a gente vê a escassez , o alto pesca que foi feita lá traz .